

Lacan e Marx: a ideologia em pessoa*

PAULO SILVEIRA**

Em meados dos anos 70, Claude Lefort publicou um texto sobre a ideologia que causou um certo impacto em vários círculos intelectuais e políticos¹.

Apesar da crítica à noção de ideologia, tal como ela se consolidara no campo do marxismo, especialmente na *Ideologia alemã*, o intuito de Lefort não era o de propor o “fim da ideologia”, como outros haviam feito antes dele, mas, bem ao contrário, pretendia imprimir-lhe fundamentos mais sólidos e rigorosos.

Atento aos seminários e textos de Lacan sobre a psicanálise, Lefort faz intervir, em sua contribuição à

noção de ideologia, os três registros dos quais se vale Lacan para fazer avançar a teoria psicanalítica: o real, o simbólico e o imaginário. Apesar de considerar fecunda a contribuição de Marx à teoria da ideologia, Lefort mobiliza os três registros lacanianos para criticá-la, especialmente, por terem os autores da *Ideologia alemã*, desconhecido “a dimensão simbólica do campo social” (Lefort, C., op. cit., p. 299). Por certo, Lefort não está censurando Marx e Engels por não conhecerem o trabalho de Lacan, mas apontando o lugar quase negligenciável que a dimensão simbólica ocupa na *Ideologia alemã*.

* Texto originalmente apresentado durante o “II Colóquio Marx e Engels” promovido pelo Cemarx/Unicamp, em novembro de 2001.

** Professor de Sociologia da USP e psicanalista.

¹ Claude Lefort. “Esboço de uma gênese da ideologia nas sociedades modernas”, in *As formas da história*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1979.

Contudo, Marx e Engels nos mostram, neste mesmo texto, o movimento feito pela classe dominante com o intuito de transformar suas idéias (eu diria, também, *ideais*) particulares em idéias e ideais universais. Movimento que começa na base econômica, com os interesses materiais da classe dominante, que, por sua vez, se expressam em idéias dominantes (e em dominação) e, como tais, transformam-se, como escrevem os autores, nas “únicas racionais, nas únicas universalmente válidas”.

Portanto, para ser efetivada socialmente como dominação, essa universalização das idéias das classes dominantes precisa recobrir o conjunto das instituições sociais, e isso independentemente dos diferentes conteúdos particulares que a ideologia venha a assumir, no direito, na filosofia, na moral, na religião, no Estado etc.

Assim, parece-me razoável admitir que a universalização das idéias da classe dominante só se efetiva como dominação social, como idéias dominantes da sociedade, ao assumir a própria forma das instituições sociais, forma que, enquanto tal, já é simbólica.

Ainda assim, restaria indagar sobre o valor atribuído à presença do simbólico na *Ideologia alemã*. Na medida em que a ideologia, nesse momento, foi isolada da base material, esse registro, o do simbólico, foi, quando muito, confinado à referência a uma supra-estrutura ideológica. Referência que, mais tarde, como se sabe,

veio fundamentar a metáfora do “edifício social” e a dialética binária, entre a base material, a infra-estrutura, e a supra-estrutura ideológica.

Contudo, apesar da presença do simbólico na *Ideologia alemã*, o alcance teórico que foi atribuído a esse registro não deixou de ser bastante limitado e problemático, especialmente se considerarmos uma inequívoca predominância de uma dialética também binária entre o imaginário e o real. Como se sabe, nesse texto, Marx e Engels estabelecem os pressupostos à fundação da ciência da história, a partir da dimensão real, da qual “não se pode abstrair a não ser na imaginação”, portanto pretenderam fundar uma ciência do real. Entretanto, o percurso para se alcançar essa dimensão real foi declaradamente uma *inversão* dos vãos imaginativos do idealismo alemão. O preço que foi pago pela escolha desse percurso parece ter sido o enredamento naquela dialética binária entre o real e o imaginário, que implicou um certo descaso pela dimensão do simbólico.

Lefort ainda não deixa de ter razão ao tomar como referência a *Ideologia alemã*, pois este texto serviu de matriz, no campo do marxismo, à elaboração e ao aprofundamento da noção de ideologia. Contudo, como Lefort não tinha o intuito de propor o “fim da ideologia”, mas, ao contrário, o de revigorar a noção, não deveria, por isso mesmo, ficar restrito à *Ideologia alemã*, isto é, deveria ter levado em consideração outras contribuições do próprio Marx, muito es-

pecialmente, as que poderia encontrar n' *O capital*.

Como afirmei anteriormente, a intervenção dos registros do real, do simbólico e do imaginário no texto de Lefort está calcada nos avanços que Lacan, neste mesmo momento, estava imprimindo à teoria psicanalítica.

Quase simultaneamente à primeira publicação do texto de Lefort, Lacan iniciara um *Seminário* que, de certo modo, visava sistematizar as análises que vinha fazendo, já haviam algum tempo, sobre os registros do real, do simbólico e do imaginário. Esse *Seminário*, de 1974/1975, chamou-se exatamente R.S.I. (Real, Simbólico, Imaginário)².

Neste *Seminário*, Lacan, inequivocamente, atribui a Marx uma contribuição à análise desses registros.

“Se o Real”, afirma Lacan, “manifesta-se na análise, e não somente na análise, se a noção de sintoma foi introduzida por Marx, bem antes de Freud, de forma a torná-lo signo de alguma coisa que não vai bem no Real, se, em outros termos, somos capazes de operar sobre o sintoma, é enquanto o sintoma é efeito do Simbólico no Real” (R.S.I., op. cit., p. 7, grifos meus).

E, mais adiante: “A origem da noção de sintoma não deve ser buscada em Hipócrates, mas em Marx, na ligação que ele faz entre o capitalis-

mo e aquilo a que chamamos o tempo feudal” (ibid., p. 37).

Ainda no *Seminário*, *O avesso da psicanálise* (1969-70), realizado, portanto, cinco anos antes do R.S.I., Lacan referiu-se a Marx de um ângulo um pouco diferente: “Não foi Marx, obviamente, quem inventou a mais-valia. Só que, antes dele, ninguém sabia o seu lugar. [...] Marx fez surgir o que estava em jogo, simbólica e realmente, na função da mais-valia”³.

Com essas referências a Marx como o “inventor do sintoma” e como aquele que soube colocar a mais-valia em seu devido lugar, Lacan não só reconhece, ainda que de modo tímido e enigmático, um dos ramos genealógicos de seu pensamento, como afirma, com inequívoca clareza, a contribuição de Marx à dimensão do simbólico, mais precisamente, à relação entre o simbólico e o real.

Portanto, na perspectiva de Lacan – onde Lefort foi recolher os registros do real, do simbólico e do imaginário – Marx “não desconheceu a dimensão simbólica do social”, mas, totalmente ao contrário, propiciou um avanço na análise da relação entre o simbólico e o real. Certamente, Lacan está se referindo a *O capital* e não à *Ideologia alemã*, como também sua preocupação não está voltada, como a de Le-

² Jacques Lacan. R.S.I., *O seminário*, edição sem registro de editora nem de data. Publicado originalmente em *Ornicar* 4, Paris, 1975.

³ *O Seminário: O avesso da psicanálise*, livro 17, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, pp.17 e 42, grifos meus.

fort, em contribuir para o “avanço” da noção de ideologia.

Contudo, Slavoj Zizek, um cultivador da contribuição de Lacan, encontrará uma relação muito próxima entre a noção de ideologia e a teoria lacaniana⁴.

Num dos momentos de sua análise, no item chamado exatamente “O significante e a mercadoria”, Zizek destaca uma perfeita homologia entre a forma-mercadoria, tal como ela foi desenvolvida por Marx n’*O capital*, e a teoria lacaniana do significante (*Eles não sabem...*, op. cit. p.74-78).

Depois de relacionar, praticamente ponto por ponto, o desenvolvimento da fórmula do significante ao da forma-mercadoria em Marx, Zizek afirma que: “O paralelo entre a constituição do significante-mestre e o desenvolvimento da forma-mercadoria em Marx salta aos olhos” (op. cit., p.75).

Esse paralelo vem indicar que, para Zizek, a dívida lacaniana com Marx não se restringe às considerações deste último sobre a passagem do feudalismo ao capitalismo, como foi expressa pelo próprio Lacan. A relação destacada por Zizek é muito mais pontual e decisiva. Sem precisar forçar a mão, podemos afirmar que o cerne mesmo da dívida de Lacan deve ser atribuído à teoria que elabora sobre o significante.

Noutro momento, ainda no mes-

mo texto, Zizek utiliza como fio condutor da análise que está procedendo a expressão de Cristo na cruz, e que, depois, foi retomada por Marx no “fetichismo da mercadoria”: “eles não sabem o que fazem” (que, aliás, é o próprio título deste livro de Zizek). O intuito aqui é exatamente a discussão da noção de ideologia, que é levada adiante com o recurso da seguinte indagação: a ideologia está do lado do saber ou do lado do fazer? (op. cit. p. 63).

O próprio Zizek responde a essa pergunta: “(...) no funcionamento ‘sintomático’ [Marx como inventor do sintoma] da ideologia, a ilusão fica do lado do ‘saber’, enquanto a fantasia ideológica funciona como uma ‘ilusão’, um ‘erro’ que estrutura a própria ‘realidade’, que determina nosso ‘fazer’, nossa atividade” (idem, ibidem).

Forma-mercadoria e teoria do significante

Antes de avançar, vou procurar especificar as proposições e relações feitas por Zizek e que, até o momento, apenas foram nomeadas.

Em primeiro lugar, a homologia entre a forma-mercadoria em Marx e a teoria do significante em Lacan.

Na análise da forma-mercadoria, Marx considera como forma desenvolvida quando já aparece (por um

⁴ Especialmente em S. Zizek. *O mais sublime dos histéricos, Hegel com Lacan*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991; *Eles não sabem o que fazem, O sublime objeto da ideologia*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992; e “O espectro da ideologia”, in S. Zizek (org.), *Um mapa da ideologia*, Contraponto, Rio de Janeiro, 1996.

desenvolvimento lógico e histórico) uma mercadoria ocupando o lugar de equivalente geral⁵. Esta posição foi ocupada historicamente, primeiro, pelo ouro, e, depois, pelo dinheiro.

Esse desenvolvimento histórico da forma-mercadoria implica que todas as mercadorias possam, agora, expressar seu valor numa única mercadoria, o equivalente geral. Essa forma desenvolvida vem substituir a expressão do valor, fortuita, ao acaso, de uma mercadoria, no valor de uso de outra mercadoria, que funciona, portanto, como corpo de valor. Assim, a forma desenvolvida sucede historicamente à relação de valor entre as mercadorias “uma-a-uma” que era até então estabelecida, e que tinha por implicação uma série infinita de relações e expressões de valor, portanto uma série impossível de ser totalizada.

O equivalente geral vem ocupar justamente a posição de uma mercadoria, cujo corpo de valor serve de expressão de valor a todas as outras mercadorias. Portanto, o equivalente geral totaliza a série, ou melhor, ocupa o lugar de uma totalização impossível.

Com Zizek, e depois dele, considero essa forma-mercadoria de Marx exatamente homóloga à fórmula do significante em Lacan.

Por que fórmula do *significante*?

Porque, para Lacan, o significante *precede* o significado, assumindo,

portanto, uma posição, em relação à dimensão simbólica, exatamente inversa à de Saussure, que considerava a precedência do significado sobre o significante. É neste preciso sentido que a dimensão simbólica em Lacan pode ser considerada uma cadeia (ou bateria) de significantes.

Então, nessa precedência do significante sobre o significado, um significante considerado isoladamente não possui nenhum significado. Ele apenas pode produzir significado na relação com outro ou com outros significantes. Sucede, portanto, com o significante o mesmo que com uma mercadoria, que não pode expressar seu valor em si mesma. Assim, uma relação entre significantes, que, portanto, produz significação, é exatamente homóloga à relação de valor entre as mercadorias.

Por outro lado, antes do advento do equivalente geral, a expressão do valor de uma mercadoria permanece sempre dependente de outra, ou de outras mercadorias, com as quais se emparelha para expressar seu valor.

Com o significante ocorre algo exatamente homólogo. Conforme seu emparelhamento com outro ou com outros significantes, seu significado estará sempre deslizando numa série infinita de emparelhamentos; portanto, impossível de ser totalizada, isto é, de produzir um significado único, acabado e, assim, bem-sucedido.

⁵ Permito-me remeter a Paulo Silveira, “Da alienação ao fetichismo – formas de subjetivação e de objetivação”, especialmente ao item “O equivalente e o fetichismo”, Paulo Silveira e Doray, B. (orgs.), *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*, Edições Vértice, São Paulo.

Para que essa série infinita seja interrompida, é necessário que um dos significantes seja “escolhido” e retirado da série de “todos os outros” significantes. Este irá assumir, então, uma posição que produz a “totalização” da série, isto é, que produz um “basteamento”, uma “costura”, no deslizamento incessante e sem fim do significado.

Ao significante que produz esse “basteamento”, essa “totalização”, da série, Lacan denominará significante-mestre.

Como mostrei antes, Žizek afirma que salta aos olhos o paralelo entre a constituição do significante-mestre, que totaliza uma cadeia de significantes, e o equivalente geral, que totaliza a série infinita de relações de valor. Ou ainda o paralelismo entre a cadeia de significantes, portanto, já “totalizada” por um significante-mestre, e a forma desenvolvida da mercadoria.

Estas precisões revelam que, para além dos “paralelismos” e homologias, que podem resultar de coincidências, a concepção lacaniana da dimensão simbólica, com ênfase na precedência do significante sobre o significado, está calcada ponto por ponto no desenvolvimento da forma-mercadoria de Marx. Por outro lado, não parece abusivo afirmar que a escolha da forma-mercadoria como matriz da dimensão simbólica implicou também uma opção por uma forma carregada de historicidade. É o que parece indicar a referência à ligação que Marx faz entre “o capitalismo e [...] aquilo a que chamamos o tempo feudal”, no

preciso contexto em que Lacan considera Marx o inventor do sintoma. Dessa perspectiva, esse sintoma, que teria sido inventado por Marx, não é um sintoma trans-histórico, portanto válido para qualquer forma de sociedade, mas o sintoma que concerne à sociedade capitalista.

Por outro lado, independentemente da especificidade dessa noção lacaniana de sintoma, é difícil imaginá-la sem uma certa articulação com a noção de ideologia.

Žizek, como já apontei, afirma que “no funcionamento *sintomático* da *ideologia*, a ilusão fica do lado do saber”. Aqui já aparece ao menos uma presença articulada entre as duas noções, e no contexto da análise da forma-mercadoria, portanto é aí que se presume que essas noções devam ser encontradas.

Insisti no fato de que o equivalente geral totaliza uma série infinita de relações e expressões de valor, portanto que se trata de uma totalização impossível.

Essa idéia do dinheiro ter como predicado “soldar impossibilidades” acompanha Marx desde os *Manuscritos*, idéia que tomara emprestado do *Timão de Atenas* de Shakespeare. “Ouro, deus visível que solda impossibilidades”, afirma o poeta.

É certo que, como equivalente geral, o ouro ou o dinheiro não soldam impossibilidades no mesmo sentido em que imaginara Shakespeare.

Na forma-mercadoria essa totalização impossível refere-se à impossibilidade estrutural de uma merca-

doria expressar seu exato valor em qualquer outra mercadoria, ou mesmo no equivalente geral. Isso porque, sob o capitalismo, no intercâmbio geral de mercadorias, como troca de equivalentes, há uma mercadoria cujo valor constitui uma exceção: a força de trabalho, que é capaz de produzir um valor (seu valor de uso) *maior* que seu próprio valor. É essa exceção que torna o conjunto geral das trocas uma aproximação infinda e nunca bem-sucedida entre equivalentes. Neste preciso sentido, o dinheiro, como equivalente geral, cumpre a função de produzir uma totalização impossível, isto é, a de “soldar impossibilidades”, ainda que se o tome, teórica e praticamente, como capaz de realizar essa totalização.

Essa “ilusão”, esse “faz-de-conta”, já nos remete diretamente à ideologia. Diria mais: revela a matriz ideológica por excelência da sociedade capitalista.

Se a forma-mercadoria é homóloga, como afirma *Zizek*, à ordem simbólica conceituada por Lacan, isto é, se a forma-mercadoria, como tal, nos revela a própria forma do *simbólico*, essa homologia refere-se também ao fechamento, à costura *imaginária* da ordem simbólica. O equivalente geral ocupa exatamente esse lugar de um significante que fecha *imaginariamente* um sistema constituído pelo intercâmbio geral de mercadorias, suposto como sistema de trocas de equivalentes.

Se com a análise do desenvolvimento da forma-mercadoria Marx nos

apresenta, segundo Lacan, a ordem simbólica “em pessoa”, no mesmo passo, articulando o *simbólico* a seu fechamento *imaginário*, que é a função do equivalente geral, ele nos apresenta agora a *ideologia* “em pessoa”.

Até aqui, digamos, no campo da ideologia, estivemos em presença de uma dialética binária entre o simbólico e o imaginário. *O real* vem a ser exatamente o que escapa a esse campo ideológico; é *o resto* que não pôde ser contido pela totalização impossível e que expelido pelo simbólico não-deixa, entretanto, de apontar para uma não-equivalência estrutural: a saber, a *mais-valia*. Se há uma exceção dentro do “sistema”, que é a mercadoria força-de-trabalho, a ela corresponde, no fechamento imaginário do “sistema”, a *mais-valia* como resto *real*. Talvez seja esse o significado da afirmação de Lacan quando diz que “Marx fez surgir o que estava em jogo, *simbólica e realmente*, na função da *mais-valia*”.

SILVEIRA, Paulo. Lacan e Marx: a ideologia em pessoa. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n.14, 2002, p. 117-123.

Palavras-chave: Lacan; Marx; Ideologia.